

Transmasculinidades e produção acadêmica Uma revisão integrativa de literatura

Benjamin Vanderlei dos Santos¹
Maria Teresa Nobre²

Resumo: As transmasculinidades têm emergido cada vez mais nos debates sobre gênero e masculinidades, especialmente, no Brasil (Almeida, 2012; Ávila, 2014; Heinzelmann, 2020). Junto a isso, nota-se o aumento da participação da população transmasculinas no movimento social organizado tanto de pessoas trans quanto LGBTQIAPN+. Esse processo produziu visibilidade e, conseqüentemente, interesse no que se refere às produções acadêmicas no âmbito brasileiro. Nesse sentido, o presente artigo tem por objetivo analisar as produções científicas brasileiras produzidas com/sobre homens trans/pessoas transmasculinas, entre os anos de 2010 e 2020. Para tal, utilizamos como metodologia de pesquisa uma revisão integrativa de literatura realizada nas bases de dados: Scielo, Google Acadêmico, Biblioteca Virtual de Saúde (BVS) e Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD). A partir de critérios de inclusão e exclusão, chegou-se num total de 37 trabalhos acadêmicos divididos em: 14 artigos, 10 dissertações, 6 teses, 5 anais de congresso, 1 capítulo de livro e 1 trabalho de conclusão de curso. Esses trabalhos foram aqui analisados sob as seguintes perspectivas: 1) tipo de publicação, 2) temporalidade, 3) gênero de quem escreve: se pessoas cis ou trans, 4) região da publicação e 5) qual área de conhecimento mais têm se debruçado sobre o tema. O que se espera com este material é delinear um breve estado da arte sobre as produções acadêmicas realizadas com/sobre homens trans/pessoas transmasculinas e a partir dessa localização pensar caminhos para futuras pesquisas.

Palavras-chave: Transmasculinidades. Homens trans. Revisão integrativa de literatura. Brasil.

¹ Psicólogo, homem trans. Doutorando em Psicologia (PPGpsi/UFRN), mestre em Sociedade, Tecnologias e Políticas Públicas (Unit/AL). Professor do Centro Universitário Mário Pontes Jucá – UMJ. E-mail: benjaminvanderlei@outlook.com.

² Psicóloga, mulher cis. Doutora em Sociologia. Professora do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (PPGpsi/UFRN). Email: tlnobre@hotmail.com

Nos debates sobre gênero, as transmasculinidades têm emergido como parte importante da discussão, produzindo diferentes implicações no campo da produção do conhecimento científico. Pensando no contexto brasileiro, aspectos como a publicação dos livros e a militância de João Nery³, a estruturação do movimento social organizado, a entrada em documentos oficiais de políticas públicas e a realização de pesquisas acadêmicas fizeram com que homens trans e pessoas transmasculinas ganhassem mais notoriedade.

Pensando as dinâmicas de gênero como relacionais, compreendemos que as hierarquias produzidas por essas dinâmicas são processos que têm a função de manter uma ordem de dominação sexista na qual homens brancos cisgêneros heterossexuais mantém lugar privilegiado na produção do conhecimento. Como aponta Connell (2003, p. 20) “a ciência e a tecnologia ocidentais se encontram culturalmente masculinizadas”⁴ (tradução nossa). Desse modo, a posição da neutralidade encobre o fato que aqueles que vêm definindo as práticas hegemônicas do saber-fazer científico tem gênero, cor e classe.

Em razão disso, é necessário seguir um caminho que enuncie sobre os diversos modos em que se dão as opressões de gênero, reconhecendo a luta política e produção teórica das pessoas implicadas nesses processos (Nascimento, 2021).

Quando falamos das transmasculinidades, é preciso tomar cuidado para não cairmos nas armadilhas que dizem que ao acessar e afirmar para si o reconhecimento social do masculino criamos uma nova classe de homens responsáveis pela hierarquização das estruturas de gênero. Pelo contrário, pessoas transmasculinas são marcas dessa hierarquização que, a partir do binarismo, exclui dos sistemas de representação todos aqueles que fogem à norma (Oliveira, 2023).

³ Psicólogo, escritor e ativista LGBTI+, foi o primeiro homem trans a fazer a cirurgia de afirmação sexual no Brasil. Escreveu os livros “Erro de pessoa”, “Viagem solitária”, “Velhice transviada”, entre outros. Faleceu em 2018 vítima de câncer.

⁴ La ciencia y la tecnología accidentales se encuentran culturalmente masculinizadas.

Um trabalho acadêmico importante nesse contexto é a tese de Simone Ávila, mulher branca, cisgênero e lésbica, intitulado: “*FTM, transhomem, homem trans, trans, homem: a emergência de transmasculinidades no Brasil contemporâneo*”, defendida em 2014 na Universidade Federal de Santa Catarina, onde a autora enuncia as dificuldades na literatura brasileira de encontrar pesquisas que dialogassem com a sua, bem como a relação visibilidade x invisibilidade de homens trans e pessoas transmasculinas. Algo que Guilherme Almeida (2012), assistente social e homens trans, em seu artigo “*‘Homens trans’: novos matizes na aquarela das masculinidades?*” também retrata. Desse modo, para a academia, as transmasculinidades são “problemas” recentes no campo de pesquisa, tão recentes quanto a própria inserção e retirada de critérios diagnósticos em compêndios médicos-psicológicos que patologizaram/patologizam pessoas gênero-diversas.

Em se tratando da implicação no campo das políticas públicas, os diferentes movimentos sociais organizados trouxeram epistemologias para dialogar (e lutar) diante das relações institucionais já sedimentadas, produzindo tensões que lançaram mão sobre os lugares instituídos na produção do conhecimento e como essa produção se localizava generificada (Azerêdo, 1998). O masculino que se via livre da posição de *objeto*, sempre objetivando o outro como campo de pesquisa, é questionado em seus próprios termos, com a demonstração da fragilidade do seu sistema de produção teórica. Se somente homens brancos cisgêneros heterossexuais e do norte global produzem entre e para outros homens brancos cisgêneros heterossexuais e do norte global, o que temos é um apanhado de teorias sobre como o mundo, em sua diferença, dificulta a vida de homens brancos cisgêneros heterossexuais do norte global em seus processos de dominação social.

Por isso, quando falamos da necessidade de enunciar os processos de cisgeneridade, branquitude e colonialidade, estamos falando de tirar da penumbra essa neutralidade científica que produz não somente estratégias metodológicas de produção do conhecimento, mas funda toda uma ordem social.

No Brasil, é na década de 1990 que começa a se desenhar um campo de estudos mais delineado sobre as masculinidades, estudos estes que vinham impulsionados por publicações na América Latina e em outras partes do mundo (Adrião, 2005; Arrilha et al., 1998). Além disso, os estudos em masculinidades têm influência direta dos estudos feministas, pois é pelo deslocamento das questões de gênero proposto por autoras feministas que se evidencia o lugar relacional da masculinidade com outras subjetividades, contribuindo para a desnaturalização do seu caráter normativo.

Pensando nesse contexto e nos modos como os movimentos sociais vêm influenciando a construção de epistemologias, os debates sobre gênero e sexualidade caminharam como pano de fundo para conquistas políticas e institucionais. Estas conquistas, fruto da articulação gerada pelo tensionamento entre movimento social, Estado e academia, produziu ações como: a) as Resoluções 01/99 e 01/18 do Conselho Federal de Psicologia, que regulam as práticas profissionais de psicólogas e psicólogos quanto às questões de orientação sexual e atuação em relação às pessoas travestis e transexuais, respectivamente; b) o julgamento pelo Supremo Tribunal Federal (STF) da Ação Direta de Inconstitucionalidade por Omissão (ADO) 26, o qual entendeu que o Congresso Nacional, ao não editar lei que criminalize a homofobia e a transfobia, foi omissa, equiparando estes a crime de racismo, até que haja lei específica; c) o julgamento de outra Ação Direta de Inconstitucionalidade pelo STF, a ADI 4275/DF, na qual pessoas trans podem alterar seu nome diretamente em cartório sem a necessidade de processo judicial. Todas essas ações, mesmo que tenham ocorrido em um momento de abertura político-social no Brasil, só se efetivaram/efetivaram pelo tensionamento mencionado no início deste parágrafo.

Nessa perspectiva, trazemos o debate de Letícia Nascimento sobre o transfeminismo, o qual ela aponta como um “movimento epistêmico e político feito por e para mulheres transexuais e travestis” (Nascimento, 2021, p. 40) que buscam formar alianças “contra a ideia de que só dois gêneros apoiados no dimorfismo sexual, na qual o CISTema colonial de gênero se alicerça” (Nascimento, 2021, p. 50). São saberes

localizados produzidos para ampliar nossos olhares sobre os estudos de gênero e debater as diferentes subjetividades aliadas nesse contexto, o que implica também a participação de homens trans e pessoas transmasculinas (Nascimento, 2021).

Implicados por essas questões, realizamos uma revisão integrativa de literatura acerca das produções acadêmicas produzidas sobre homens trans/pessoas transmasculinas de modo que pudéssemos delinear um certo estado da arte de como as pesquisas vêm sendo abordadas e quais caminhos podem se desdobrar a partir disto.

Porém, antes de explicitar a metodologia, um adendo: em julho de 2020, no Rio de Janeiro, foi publicada a primeira edição da revista Estudos Transviades, “uma iniciativa para criar um espaço de acolhimento e divulgação de produções de homens trans e pessoas transmasculinas” (ESTUDOS TRANSVIADES, 2020). Os materiais produzidos pela revista não constam nos trabalhos apresentados aqui, dado que foram publicados após a busca nas bases de dados, porém, consideramos importante a demarcação da criação da revista em razão do início de um projeto de divulgação científica pensado por/para homens trans e pessoas transmasculinas.

Caminhos metodológicos da revisão de literatura

Parte importante na construção de pesquisas: a leitura, seleção e organização do material já publicado sobre determinado tema nos dá um panorama geral sobre os problemas que se apresentam diante do nosso próprio problema de pesquisa. Por esse motivo, as revisões de literatura têm se mostrado um caminho consistente quando se trata de sistematizar aquilo que já foi produzido, alcançando novos horizontes para as pesquisas que se sucedem.

Nesse sentido, considerando que os debates sobre gênero e sexualidade nos auxiliam a pensar um mundo além das concepções normatizadoras, as transmasculinidades são um campo de discussão que fomenta os caminhos já pavimentados pelos debates feministas, transfeministas e *queer*. Aqui, produzimos uma

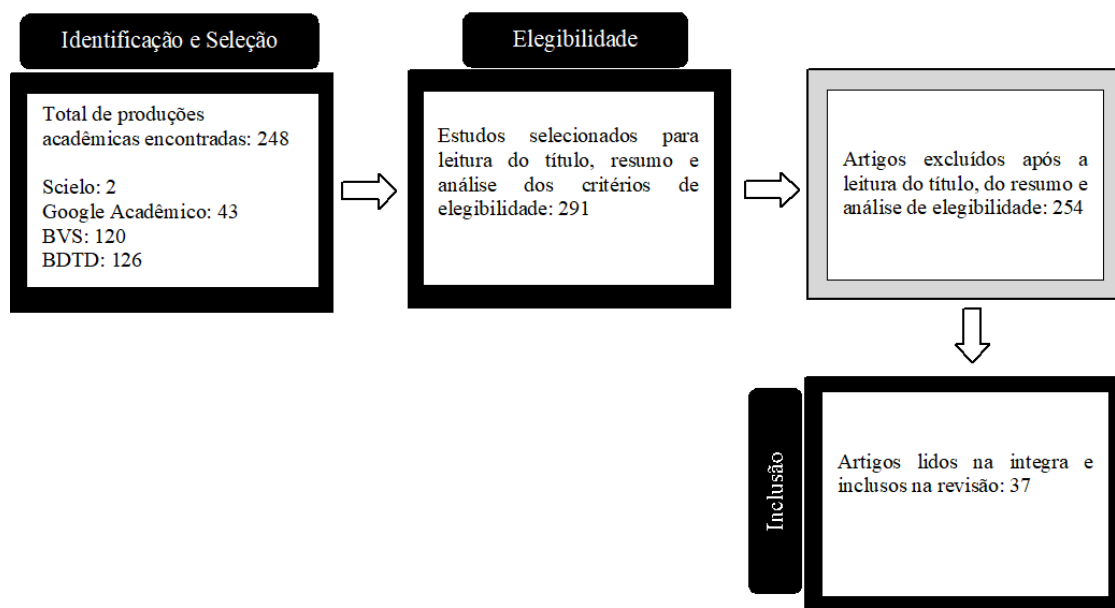
revisão integrativa de literatura através de uma metodologia qualitativa e quantitativa, trazendo uma perspectiva quantitativa no que se refere a: 1) tipo de publicação, 2) ano da publicação, 3) gênero de quem escreve: se pessoas cis ou trans, 4) região da publicação e 5) qual área de conhecimento mais têm se debruçado sobre o tema, produzindo, junto a esses dados, uma análise qualitativa do material.

Optamos pela revisão integrativa de literatura (RIL) em razão deste modelo ser a abordagem mais ampla entre as revisões, pois permite a introdução de estudos experimentais e não-experimentais, além de abordar dados da literatura teórica (Souza *et al*, 2010). Cruzar dados quali e quanti poderá auxiliar a futuras/es/os pesquisadoras/es para que, a partir de diferentes olhares, definam por onde preferem caminhar quanto às suas propostas de pesquisa.

Utilizamos o modelo proposto por Souza *et al.* (2010) que define 6 fases para elaboração da RIL, a saber: 1º) elaboração de pergunta norteadora; 2º) busca ou amostragem na literatura; 3º) coleta de dados; 4ª) análise crítica dos estudos incluídos; 5º) discussão dos resultados; 6º) apresentação da revisão.

A primeira fase foi norteadora pela seguinte pergunta de pesquisa: quais produções acadêmicas vêm sendo produzidas por/sobre homens trans/pessoas transmasculinas no contexto brasileiro?

Em seguida, foram definidos os descritores para busca e os critérios de inclusão e exclusão dos materiais. Os descritores de busca nas bases de dados foram: “homens trans”, “transmasculinity” e “transexualidade”. Os critérios de inclusão foram: trabalhos escritos em português publicados no Brasil e que abordassem especificamente homens trans/pessoas transmasculinas em seu escopo de pesquisa. Já os critérios de exclusão foram: trabalhos incompletos, trabalhos pagos e pesquisas que abordassem mulheres trans, travestis e outras identidades. Desse modo, as segundas, terceiras e quarta etapas estão contempladas no seguinte fluxograma:



Fluxograma 1. Etapas de busca e seleção dos trabalhos que compõem a RIL.

Desse processo, resultou num total de 37 (trinta e sete) trabalhos.

Tabela 1 – Dados dos artigos encontrados

AUTORIA/ANO	TITULO	OBJETIVO	PESSOA TRANS/CIS
AVILA & GROSSI, 2010	Maria, Maria, João, João: reflexões sobre a transexperiência masculina	Refletir sobre a produção da masculinidade enquanto identidade social na transexperiência masculina	2 Cis
ALMEIDA, 2012	‘Homens trans’: novos matizes na aquarela das masculinidades?	Discutir de forma exploratória a emergência de uma nova categoria identitária no Brasil, a de ‘homem trans’	Trans
NERY & MARANHÃO FILHO, 2013	Transhomens no ciberespaço: micropolíticas das resistências	Analisar alguns dos múltiplos discursos de transhomens (ou homens transexuais) brasileiros através de narrativas produzidas em ambiente virtual	2 Trans
AVILA & GROSSI, 2013	O y em questão: as transmasculinidades brasileiras	Problematizar as transmasculinidades produzidas por transhomens brasileiros	2 Cis
FREITAS, 2014	Homens com T maiúsculo. Processos de identificação e construção do corpo nas transmasculinidades e a transversalidade da internet	Apresentar e compreender os processos de identificação e construção da masculinidade em transhomens, colocando em foco suas relações com o corpo, sexualidade e consequentes mudanças corporais almejadas	Cis
AVILA, 2014	FTM, transhomem, homem trans, trans, homem: A emergência de transmasculinidades no Brasil contemporâneo	O tema central desta tese é a emergência de masculinidades produzidas por transhomens, as transmasculinidades, que vêm se constituindo como “novas” identidades sociais e políticas no contexto brasileiro	Cis
OLIVEIRA, 2015	“Somos quem podemos ser”: os homens (trans) brasileiros e o discurso pela (des)patologização da transexualidade	Analisar o discurso de homens (trans) brasileiros em relação à (des)patologização das identidades (trans).	Trans
REGO, 2015	Viver e esperar viver: corpo e identidade na transição de gênero de homens trans	Entender como homens trans constroem suas identidades e vivenciam a experiência transexual nas relações que estabelecem cotidianamente para entrada na categoria “homem”.	Cis
NERY, COELHO & SAMPAIO, 2015/2016	João W. Nery - A trajetória de um trans homem no Brasil: do escritor ao ativista	Discutir alguns aspectos da história de vida de um trans homem, ressaltando pontos que têm marcado a experiência de ser um homem transexual no Brasil	1 Trans 2 Cis
LIMA & CRUZ, 2016	Os processos de hormonização e a produção do cuidado em saúde na transexualidade masculina	Refletir sobre os usos do hormônio testosterona entre os homens transexuais, tendo como ponto central a relação com o cuidado em saúde	2 Cis
BRITO, 2016	Transmasculinidades: o direito à identidade de gênero anula o direito ao trabalho?	Refletir acerca das condições de inserção e permanência de homens transexuais no mercado de trabalho	Cis

DUQUE, 2016	“Com esse eu caso”: homens trans, beleza e reconhecimento	Estudar a experiência de (não) passar por homem e/ou mulher como performances contemporâneas de feminilidades e masculinidades que revelam normas e convenções constitutivas de um regime de visibilidade/conhecimento que envolve diferentes perfis identitários	Cis
CORDEIRO, 2016	Gênero, corpo, saúde e direitos: experiências e narrativas de homens (trans) e homens (boys) em espaços públicos	Analisar os desafios atuais para ser reconhecido como homem na sociedade, focando nos sentidos e significados construídos sobre saúde, corpo, gênero e direitos, a partir das narrativas dos homens (trans) e homens (boys) presentes em espaços públicos em Recife	Cis
UCHÔA, 2017	Transmasculinidade e os desafios cotidianos	Discutir aspectos relacionados aos homens trans de diferentes faixas etárias, segmentos profissionais, estágios no processo transexualizador e orientações sexuais promovendo questionamentos do binário de gênero existente socialmente	Trans
BRAZ, 2017	Transmasculinidades, temporalidades: antropologia do tempo, da espera e do acesso à saúde a partir de narrativas de homens trans	Com base em narrativas de colaboradores da pesquisa, empreender uma discussão preliminar centrada na antropologia do tempo e da espera, contrapondo temporalidades subjetivas e institucionais a respeito da transmasculinidade	Cis
RIBEIRO, 2017	Trajetória e caminhos: a narrativa de vida de um homem trans	Construir o percurso de vida de um homem trans [...] reconstruído, através da sua narrativa, levando em consideração a relação entre gênero, desejo e corpo nos diferentes momentos da sua vida	Cis
TCHALIAN, 20	Transmasculinidades: invisibilidade, escassez de informações e apagamento histórico	Problematizar as consequências sociais da performatização de masculinidades	Trans
PAMPLONA, 2017	Pedagogias de gênero em narrativas sobre transmasculinidades	Analisar aspectos das transmasculinidades a partir dos relatos autobiográficos de quatro transhomens brasileiros	Cis
PEDERZOLI,	Papai ou mamãe? Uma discussão dos papéis parentais em homens trans que engravidaram	Problematizar as parentalidade trans em sua relação com o gênero, analisando as concepções de paternidade e maternidade que perpassam a experiência gestacional	Cis
PEDRINI, 2017	Homens trans(bordados): experiências juntas e misturadas na produção de outras masculinidades	Produzir experiências coletivas com homens trans, criando relações potencializantes com a vida e com os modos de viver	Cis

SILVA, 2017	“Existe uma barreira que faz com que as pessoas trans não cheguem lá”: itinerários terapêuticos, necessidades e demandas de saúde de homens trans no município de Salvador – BA	Investigar as necessidades e demandas de saúde de homens trans e os itinerários terapêuticos por eles realizados na busca por cuidados de saúde no município de Salvador – BA	Cis
AGUIAR & QUADRADO, 2018	Uma análise sobre transmasculinidades presentes numa série da mídia televisiva	Analisar alguns significados sobre transmasculinidades presentes em dois episódios da série Liberdade de Gênero (GNT)	2 Cis
PIMENTEL, CASTRO & MIRANDA, 2018	Compreensão fenomenológica existencial da identidade de homens trans	Analisar criticamente os processos da identidade transmasculina, a partir da qualificação e reflexão sobre a vivência, constituição do corpo e da condição psicológica da transmasculinidade (homens transgênero)	2 Cis 1 Trans
SOUSA & IRIART, 2018	“Viver dignamente”: necessidades e demandas de saúde de homens trans em Salvador, Bahia, Brasil	Discutir as necessidades e demandas de saúde de homens trans	2 Cis
LEMO, 2018	O despreparo na rede hospitalar e a felicidade em ml: angústia e prazer dão dimensão à hormonioterapia	Identificar o tratamento disponibilizado para os homens trans no Ambulatório de Transtornos da Sexualidade Humana (ATASH) do situado no hospital de saúde mental do município de Fortaleza-CE	Trans
RIBEIRO, 2018	Experiências transmasculinas: o limiar entre corpo, gênero e desejo na constituição de um sentido de si	Compreender a relação que se dá entre corpo, gênero e desejo em experiências transmasculinas na constituição de um sentido de si	Cis
VALE, 2018	Transmasculinidade, corpo e cuidado de si: análise da transexualidade no Ambulatório TT [travestis e transexuais] da cidade de João Pessoa - Paraíba	Analisar o processo de transição dos homens trans, bem como os usos sociais do corpo [hábitos arraigados] que visam expressar uma performance masculina	Cis
CERVI, 2018	Homens transexuais e saúde: a efetivação do acesso à saúde de homens trans e a criação do núcleo trans UNIFESP	Analisar e acompanhar o acesso de homens transexuais a serviços de saúde e a efetivação das normativas que garantam tal acesso, bem como a criação de serviço para atendimento dessa população, o Núcleo Trans Unifesp	Cis
RIBEIRO, 2018	Negociando com as normas: transexualidades masculinas, reconhecimentos e agências	Contribuir para uma escuta antropológica acerca da transexualidade, entendendo esta como um fenômeno sócio-histórico complexo	Cis
SERRANO, CAMINHA & GOMES, 2019	Homens trans e atividade física: a construção do corpo masculino	Analisar a relação dos homens trans com as atividades físicas no processo de “masculinização”	3 Cis

NASCIMENTO, 2019	Nem só de hormônio vive o homem: representações e resistências de homens transexuais (1984-2018)	Analisar as representações e resistências de homens trans em jornais da década de 1980, entrevistas, site de compartilhamento de vídeos Youtube e redes sociais, analisando permanências e descontinuidades de 1984 a 2018	Cis
BRAZ, 2019	Vidas que esperam? Itinerários do acesso a serviços de saúde para homens trans no Brasil e na Argentina	Interpretar comparativamente os itinerários agenciados por homens trans para lidar com a questão da espera, quando confrontados por desafios relacionados ao acesso a serviços de saúde no Brasil na Argentina	Cis
VIEIRA & PORTO, 2019	Fazer emergir o masculino ⁷² : noções de “terapia” e patologização na hormonização de homens trans	Deter-se na relação que homens trans estabelecem com determinadas noções êmicas de terapia, e, consequentemente, com noções de doença, as quais são manejadas em meio a (auto)administração de ésteres de testosterona	2 Cis
PASSOS, 2019	Homens (trans) docentes: transmasculinidades na educação	Investigar como se dá a inserção e permanência de homens (trans) na docência identificando tabus, desafios, obstáculos, enfrentamentos, resistência e conquistas que permeiam suas trajetórias profissionais	Cis
CALDEIRA, 2019	O processo de despedir-se de uma voz: percursos de transição vocal de cantores transmasculinos	Entender os processos de adaptação vocal de cantores transmasculinos em tratamento com testosterona durante o seu período de transição de gênero	Cis
HEINZELMANN, 2020	Transmasculinidades no Sistema Público de Saúde: experiência dos utentes	Investigar a experiência de transição de gênero desde a perspectiva de homens trans que utilizaram serviços públicos de saúde no Brasil e em Portugal	Cis
SANTOS, 2020	Vivências transmasculinas em espaços educacionais de nível superior do sul do Brasil e a multiplicidade espacial	Compreender como as vivências de homens trans em espaços educacionais de nível superior do Sul do Brasil constituem suas múltiplas espacialidades	Cis

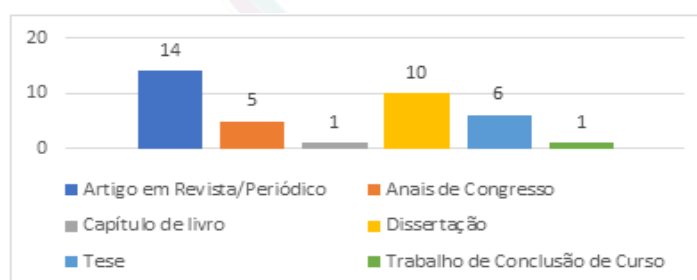
Fonte: elaboração própria.

Por fim, segue-se a discussão dos resultados e apresentação da revisão.

Mapeando as produções sobre transmasculinidades

Em se tratando do tipo de publicação, os trabalhos foram distribuídos da seguinte forma:

Gráfico 1 – Tipo de Trabalho

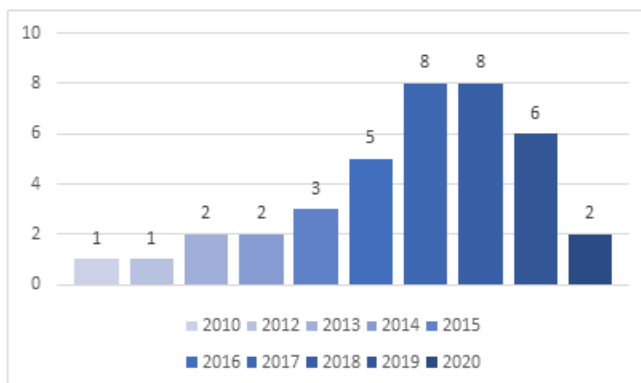


Fonte: elaboração própria.

Por seção, a maioria dos trabalhos (14 dentre os 37), encontram-se publicados em formato de artigo em revistas e periódicos, num total de 37, 84%, o que consideramos importante por se tratar da nossa fonte primária de divulgação científica. No entanto, cabe ressaltar que somados, teses e dissertações, resultam em 43,25% dos trabalhos publicados, quase metade da produção, indicando que as transmasculinidades são um tema que tem sido estudado, em sua maioria, nas pesquisas desenvolvidas por discentes de pós-graduação das universidades brasileiras.

Além disso, a temporalidade da publicação desses trabalhos também foi levada em consideração, dado que o trabalho mais antigo publicado data de 2010, tendo um crescimento considerável a partir do ano de 2016:

Gráfico 2 – Publicações de acordo com o ano

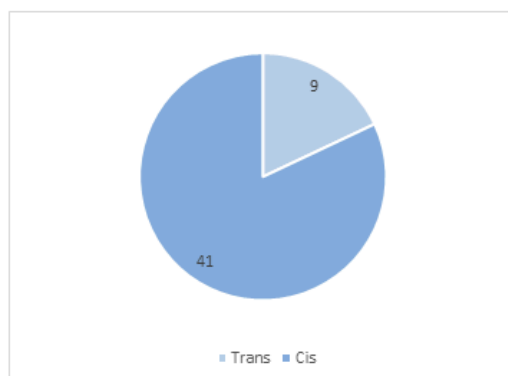


Fonte: elaboração própria.

Chamamos atenção para essa temporalidade pois ela demonstra como o campo das transmasculinidades, dentro da perspectiva acadêmica, pode ser considerado um campo “novo”. Dialogando com os dados sobre o tipo de publicação (Gráfico 1), consideramos que a baixa quantidade de publicações ao longo de 2020 não significa, necessariamente, uma diminuição dos estudos sobre o tema. Pois, dado que boa parte das pesquisas estão centradas em estudos de pós-graduação, é possível que quem vem estudando sobre o tema não tenha publicado seus materiais nas bases de dados dos respectivos programas de pesquisa e/ou revistas, periódicos, capítulos de livros ou anais.

Em se tratando de gênero, também mapeamos quem são as autoras/autores que vêm publicando sobre o tema, chegando ao seguinte resultado:

Gráfico 3 – Autoria Trans/Cis



Fonte: elaboração própria.

Em relação ao gênero, 82% das pessoas que escreveram sobre transmasculinidades, no período analisado, são pessoas cisgêneras e 18% o número de pessoas trans autoras dos trabalhos.

Ao enunciar o gênero de quem escreve esses trabalhos não se trata de afirmar quem pode ou não pode falar/pesquisar um determinado tema, mas apontar sobre a (im)permanência de pessoas trans nos espaços de pesquisa do ensino superior e a legitimação dessas produções no ambiente acadêmico. Inclusive, nunca é demais lembrar que pessoas trans não precisam necessariamente pesquisar sobre gênero, transfeminilidade, travestilidades ou transmasculinidades. A intenção deste gráfico é produzir uma reflexão sobre, em que medida, as pesquisas produzidas por pessoas cis levam em consideração a sua expressão de gênero e as implicações disto. Se a cisgeneridade é uma estrutura normativa “definidora de possibilidades legítimas de gênero” (Vergueiro, 2016, p. 260) e considerando que majoritariamente pessoas cisgêneras pesquisam sobre pessoas trans, questiona-se: pessoas cis, em seus estudos sobre pessoas trans citam/reconhecem/visibilizam os estudos produzidos por pessoas trans? Convidam pessoas trans para serem coautoras de seus estudos?

Ressaltamos a importância dos temas e questões pautadas em todos os trabalhos encontrados que tratam direta ou indiretamente (como mostra a Tabela 1), da

despatologização das transmasculinidades, seus diferentes sentidos e significados, e de aspectos ligados à saúde e ao corpo, ao processo transsexualizador, às trajetórias, identidades, narrativas, histórias de vida e experiências de homens trans/transmasculinos e das políticas públicas que os atendem. Entendemos que esses estudos promovem visibilidade e isso é fundamental, porque ainda há muito a caminhar para garantir às pessoas trans maior segurança jurídica frente ao Estado e nas relações com a sociedade. Assim, quanto mais aliados, melhor, e a produção acadêmica é um veículo para isso, sobretudo porque há muitas pessoas LGBTI+ como autoras. Contudo, é preciso refletir o tipo de visibilidade que estas produções reverberam. Apesar da importância dessas pesquisas, é preciso atentar para o fato de que alguns trabalhos ainda estão localizados num exercício de objetificação e busca de uma experiência trans como uma alteridade exótica, um terceiro gênero, enquanto mantém a cisgeneridade não problematizada. Atribuímos isso, em grande parte, ao fato de serem produções majoritariamente de autoria de pessoas cis. Aqui evocamos o slogan “*nothing about us without us*” (“nada sobre nós, sem nós”), bandeira levantada inicialmente na Convenção sobre Pessoas com Deficiência na ONU em 2007 (Cintra, 2021), que se espalhou para muitos movimentos sociais contemporâneos (de pessoas em situação de rua, indígenas, ciganas, negras etc.). Ele evidencia o protagonismo desses sujeitos sociais e a necessidade da sua participação imprescindível na tomada de decisões sobre questões de seu interesse. Parece-nos que isso também diz respeito à produção acadêmica e alerta quanto ao perigo da “indignidade de falar pelos outros”, como já alertava Foucault (1985), como caminho para uma ética intelectual.

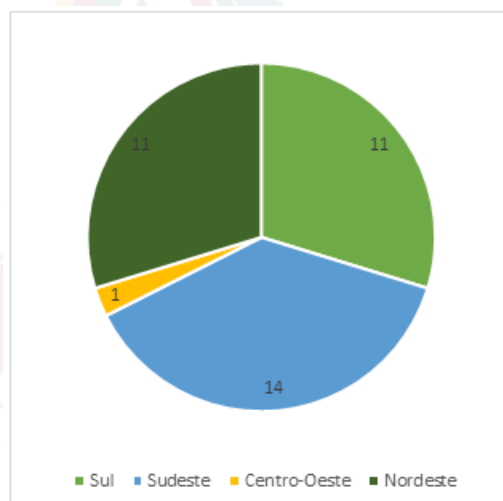
Ao não vermos a representação de pessoas trans em ambientes formais de educação, o que temos é a produção tanto de um processo de exclusão quanto de invisibilidade no que se refere às representações e epistemologias (Oliveira, 2023), retornando à legitimação de um pensamento cisgênero.

Os debates sobre a entrada e permanência de pessoas trans no ambiente escolar, desde a educação básica até o ensino superior, tanto como docentes quanto como

discentes, têm demonstrado que: a inserção de temas como gênero e sexualidade no currículo escolar, criação de políticas públicas e os debates que problematizam o caráter patológico de determinadas identidades de gênero (Andrade, 2012; York, 2020) se apresentam como um caminho possível para a diminuição da disparidade no acesso à educação.

Considerando também, dada as diferenças histórico-culturais e seus reflexos nas produções científicas, seguem as regiões geográficas brasileiras que têm maiores publicações sobre o tema:

Gráfico 4 – Região de publicação



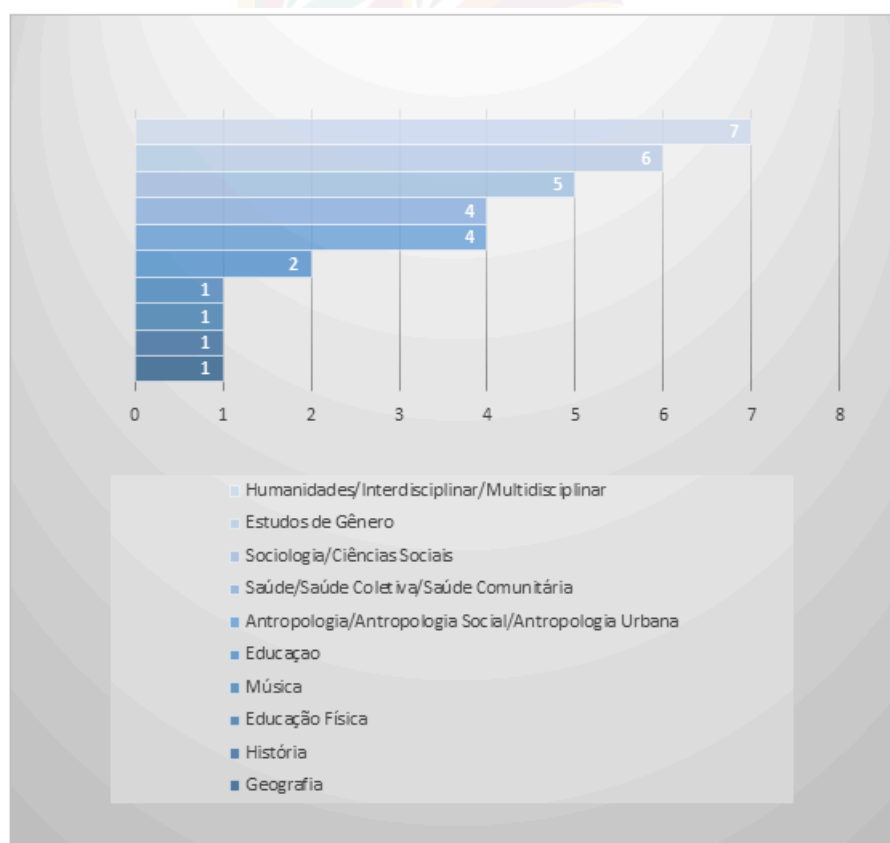
Fonte: elaboração própria.

O sudeste é a região que tem maior quantidade de publicações, resultando em 37,83%, seguido pelo sul e nordeste com 29,72% cada e por fim, a região centro-oeste com 2,70%. Não foram encontrados trabalhos publicados na região norte. Deste modo, somando as publicações da região sudeste com a região sul temos 67,56% dos trabalhos, o que significa uma produção considerável concentrada no eixo sul-sudeste em relação às outras partes do país.

Aqui, mais uma vez, não se trata de afirmar sobre onde ou como os trabalhos devem ser publicados, mas enunciar um outro processo de colonialidade (Restrepo & Rojas, 2010) aquele no qual naturalizamos que determinados eixos territoriais dominam os campos de produção do conhecimento. Afinal, o sul do Brasil não é o mesmo quando pensamos em produções epistêmicas produzidas pelo sul global, por isso é preciso cuidado para não seguirmos um caminho que opera justamente na lógica inversa de análises emancipatórias. Considerar, legitimar e financiar as pesquisas produzidas fora do eixo sul-sudeste também nos permite ampliar os horizontes para a produção de epistemologias.

Por fim, foram consideradas as áreas de conhecimento que estão mais ligadas a esses estudos, chegando ao seguinte resultado:

Gráfico 5 – Área do conhecimento



Fonte: elaboração própria.

Em relação às áreas de conhecimento, para classificar utilizamos as indicações dos próprios periódicos, congressos e programas de pós-graduação, sendo em sua maioria pesquisas nas áreas Inter/Multidisciplinar dentro das Humanidades: 18,91%; seguido dos Estudos de Gênero: 16,21%; Sociologia/Ciências Sociais: 13,51%; Saúde/Saúde Coletiva/Saúde Comunitária e Antropologia/Antropologia Social/Antropologia Urbana: 10,81% cada; Educação: 5,40% e Música, Educação Física, História e Geografia: 2,70% cada. Levando-se em consideração que todas as outras áreas disciplinares estão inseridas ou dialogam com as Humanidades, podemos afirmar que os estudos sobre transmasculinidades concentram-se quase que exclusivamente no campo disciplinar das humanidades.

O que reforça, mais uma vez, a necessidade de um compromisso social por parte de quem produz, ao debater sobre a construção de campos epistemológicos que considerem a multiplicidade de conhecimentos. A localização dos aspectos aqui apresentados em relação aos trabalhos demonstra que é a interlocução entre saberes que nos permite produzir com maior solidez e rigor conceitual.

Considerações Finais

O artigo aqui apresentado teve como foco apresentar um desenho das pesquisas produzidas no Brasil com/sobre homens trans/pessoas transmasculinas, entre os anos 2010 e 2020, de modo que fosse possível debater sobre o campo epistemológico no qual se localizam esses trabalhos, apontando como os aspectos da colonialidade, masculinidade e cisgeneridade implicam na construção do pensamento científico.

Podemos afirmar que há uma emergência dos estudos com/sobre homens trans/pessoas transmasculinas dentro das produções científicas brasileiras na última década. Estes são realizados em sua maioria por pessoas cisgêneras do eixo sul-sudeste nas áreas de humanidades inter/multidisciplinar.

Como apontado no início do artigo, as transmasculinidades vêm ganhando mais visibilidade e participação no debate público, de modo que o campo dos estudos de gênero ganha também outros pontos de vista. Isso torna possível alargar o debate e, conseqüentemente, produzir diferentes estratégias em relação ao combate contra a invisibilidade e exclusão da população trans no ambiente educacional. Não se trata mais de produzir com pessoas trans como meros objetos de pesquisa, mas de, ao usar a palavra, produzir modos de tensionar as frestas que se cria no ambiente acadêmico ao ocupar esses espaços.

Posição que também implica uma reflexão e reformulação do próprio modo de produzir o conhecimento. Para isso, é fundamental a problematização sobre a enunciação da cisgeneridade, entendendo-a não somente como um aspecto de gênero, mas como uma construção de pensamento que perpassa a própria academia e que não pode ser negado (Oliveira, 2023).

Por fim, espera-se que a leitura desse artigo auxilie futuras pesquisas em relação às transmasculinidades, indicando aspectos que podem ser melhor desenvolvidos tanto quanto aos objetivos quanto às metodologias propostas, incentivando, lendo e referenciando pessoas trans em seus trabalhos, e, sobretudo, que estas sejam autoras das suas próprias histórias e narrativas.

Referências

- ADRIÃO, K. G. **Sobre os estudos em masculinidades no Brasil: revisitando o campo**, 2005. *Cadernos de Gênero e Tecnologia*, v.1 n. 3, 9-20.
- AGUIAR, T. G. O.; QUADRADO, R. P. **Uma análise sobre transmasculinidades presentes numa série da mídia televisiva**. *Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade*, Foz do Iguaçu, v. 4, n. especial, p. 1-9, 2018. DOI: 10.23899/relacult.v4i0.847. Acesso em 27 de Nov de 2023.
- ALMEIDA, G. **‘Homens trans’: novos matizes na aquarela das masculinidades?** *Estudos Feministas*, Florianópolis, 20(2): 256, maio-agosto/2012.

- ANDRADE, L. N. de. **Travestis na Escola: assujeitamento e resistência à ordem normativa**. 2012. 278 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2012.
- ARILHA, M., RIDENTI, S. G. U. & MEDRADO, B. (orgs.) **Homens e masculinidades: outras palavras**, 1998. São Paulo: ECCOS/Editora 34.
- ÁVILA, S. N. **FTM, transhomem, homem trans, trans, homem: a emergência de transmasculinidades no Brasil contemporâneo**, 2014. (Tese de doutorado, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis). Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/129050>>. Acesso em 27 de Nov de 2023.
- ÁVILA, S.; GROSSI, M. P. **Maria, Maria, João, João: reflexões sobre a transexperiência masculina**. Fazendo o Gênero 9 – Diásporas, diversidades, deslocamento, 2010 (Anais de Congresso). Disponível em: <<https://core.ac.uk/reader/30353590>>. Acesso em 27 de Nov de 2023.
- ÁVILA, S.; GROSSI, M. P. **O y em questão: as transmasculinidades brasileiras**. Fazendo Gênero 10 – Desafios atuais dos feminismos, 2013 (Anais de Congresso). Disponível em: <http://www.fg2013.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/20/1386768141_ARQUIVO_SimoneAvila.pdf>. Acesso em 27 de Nov de 2023.
- AZERÊDO, S. **Gênero e a diferença que ele faz na pesquisa em psicologia**, 1998. *cadernos pagu* (11), pp. 55-66.
- BRAZ, C. **Transmasculinidades, temporalidades: antropologia do tempo, da espera e do acesso à saúde a partir de narrativas de homens trans**. 13º Mundo de Mulheres e Fazendo Gênero 11 – Transformações, conexões e deslocamentos, 2017 (Anais de Congresso). Disponível em: <http://www.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1499433889_ARQUIVO_Braz,Camilo-TRANSMASCULINIDADES,TEMPORALIDADES.pdf>. Acesso em 27 de Nov de 2023.
- BRAZ, C. (2019). **Vidas que esperam? Itinerários do acesso a serviços de saúde para homens trans no Brasil e na Argentina**. *Cad. Saúde Pública* 35 (4), 2019. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0102-311X00110518>>. Acesso em 27 de Nov de 2023.
- BRITO, C. G. S. de. **Transmasculinidades: o direito à identidade de gênero anula o direito ao trabalho?** [SYN]THESIS, Rio de Janeiro, vol. 9, nº 1, p. 75-83, jan./jun. 2016. *Cadernos do Centro de Ciências Sociais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro*. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/synthesis/article/view/42321/29379>>. Acesso em 27 de Nov de 2023.
- CALDEIRA, B. **O processo de despedir-se de uma voz: percursos de transição vocal de cantores transmasculinos**, 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Música) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia. Disponível em: <<https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/26150>>. Acesso em 27 de Nov de 2023.

- CERVI, T. A. N. **Homens transexuais e saúde: a efetivação do acesso à saúde de homens trans e a criação do núcleo trans**, 2018. (Dissertação de mestrado, Universidade Federal de São Paulo, São Paulo).
- CINTRA, F. A **Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência trouxe um novo paradigma para a inclusão: Nada sobre nós, sem nós**. Instituto Paradigma, 2021. Disponível em: <<https://iparadigma.org.br/um-novo-paradigma-para-inclusao-nada-sobre-nos-sem-nos/>>. Acesso em junho de 2024.
- CONNELL. **Masculinidades**, 2003. México: Universidad Nacional Autónoma de México.
- CORDEIRO, A. C. S. **Gênero, corpo, saúde e direitos: experiências e narrativas de homens (trans) e homens (boys) em espaços públicos**, 2016. (Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Pernambuco, Recife). Disponível em: <<https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/25960>>. Acesso em 27 de Nov de 2023.
- DUQUE, T. “Com esse eu caso”: **homens trans, beleza e reconhecimento**. In: Colling, L. (Org.), *Dissidências sexuais e de gênero* (pp. 193-216), 2016, Salvador, BA: EDUFBA. Disponível em: <<https://books.scielo.org/id/h3ncq/10>>. Acesso em 27 de Nov de 2023.
- FOUCAULT, M. (1985) “Os intelectuais e o poder” In: **Microfísica do Poder**. 5a ed. Rio de Janeiro, GRAAL, 1985 pp.69-78.
- FREITAS, R. V. **Homens com T maiúsculo. Processos de identificação e construção do corpo nas transmasculinidades e a transversalidade da internet**, 2014. (Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte). Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/BUOS-AUGHLX/1/vasconcelos_2014.homens_com_t_mai_sculo_disserta_o_word_.pdf>. Acesso em 27 de nov de 2023.
- HEINZELMANN, F. L. **Transmasculinidades no Sistema Público de Saúde: experiência dos utentes**, 2020. (Tese de doutorado, Universidade de São Paulo, São Paulo). Disponível em: <<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47134/tde-28052020-162355/pt-br.php>>. Acesso em 27 de Nov de 2023
- LEMOS, K. **O despreparo na rede hospitalar e a felicidade em ml: angústia e prazer dão dimensão à hormonioterapia**, 2018. *Revista Brasileira de Estudos da Homocultura*, v.1 n.1, 47-58. doi: 10.31560/2595-3206.2018.1.9067.
- LIMA, F.; CRUZ, K. T. da. **Os processos de hormonização e a produção do cuidado em saúde na transexualidade masculina**. *Sexualidad, Salud y Sociedad – Revista Latino Americana*, ISSN 1984 - 64 87 / n. 23 - ago. / ago. / aug. 2016 - pp.162-186. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/sess/a/ysH4rWB8QMgdW33DGqWtrpx/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em 27 de Nov de 2023.
- NASCIMENTO, J. F. S. da C. **Nem só de hormônio vive o homem: representações e resistências de homens transexuais (1984-2018)**. *Aceno – Revista de Antropologia do Centro-Oeste*, 6 (12): 96-112, agosto a dezembro de 2019. ISSN: 2358-5587.
- NASCIMENTO, L. C. P. do. **Transfeminismo**, 2021. São Paulo: Jandaíra.

- NERY, J. W.; MARANHÃO FILHO, E. M. de A. **Transhomens no ciberespaço: micropolíticas das resistências**. In: Maranhão Filho, E. M. de A. (Org.). (In)Visibilidade Trans 2. História Agora, v.16, nº 2, p. 139-165, 2013.
- NERY, J. W.; COELHO, M. T. A. D.; SAMPAIO, L. L. P. **João W. Nery - A trajetória de um trans homem no Brasil: do escritor ao ativista**. *Periódicus*, n. 4, v. 1, pp. 169-178, (nov 2015-abr. 2016). Disponível em: <<https://doi.org/10.9771/peri.v1i4.15430>>. Acesso em 27 de Nov de 2023.
- OLIVEIRA, A. L. G. **“Somos quem podemos ser”: os homens (trans) brasileiros e o discurso pela (des)patologização da transexualidade**, 2015 (Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal). Disponível em: <<https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/20034>>. Acesso em 27 de Nov de 2023.
- OLIVEIRA, M. R. G. de. **A COBAIA AGORA É VOCÊ! Cisgeneridade branca, como conceito e categoria de análise, nos estudos produzidos por travestis e mulheres transexuais**. *Caderno Espaço Feminino*, v.36, n.1, jan./jun. 2023. DOI: <http://dx.doi.org/10.14393/CEF-v36n1-2023-9>. Acesso em 30 de Maio de 2024.
- PAMPLONA, R. S. **Pedagogias de gênero em narrativas sobre transmasculinidades**, 2017. (Tese de doutorado, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos). Disponível em: <<https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/9492>>. Acesso em 27 de Nov de 2023.
- PASSOS, G. C. dos. **Homens (trans) docentes: transmasculinidades na educação**, 2019. (Dissertação de mestrado – Universidade Federal Tecnológica do Paraná, Curitiba).Disponível em: <http://repositorio.utfpr.edu.br:8080/jspui/bitstream/1/4434/1/CT_PPGTE_M_Passos%20C%20Giseli%20Cristina%20dos_2019.pdf>. Acesso em 27 de Nov de 2023.
- PEDERZOLI, A. A. **Papai ou mamãe? Uma discussão dos papéis parentais em homens trans que engravidaram**, 2017. (Dissertação de mestrado, Universidade de São Paulo, São Paulo). Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47134/tde-05102017-163346/>>. Acesso em 27 de Nov de 2023.
- PEDRINI, M. D. **Homens trans(bordados): experiências juntas e misturadas na produção de outras masculinidades**. 2017. (Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória).
- PIMENTEL, A.; CASTRO, E. H. B. de.; MIRANDA, D. **Compreensão fenomenológica existencial da identidade de homens trans**. *Revista ECOS – Estudos Contemporâneos da Subjetividade*, Ano 8, vol. 2, pp. 228-239, 2018. Disponível em: <<file:///C:/Users/Benjamin/Downloads/2855-11687-1-PB.pdf>>. Acesso em 27 de Nov de 2023.
- REGO, F. C. V. S. **Viver e esperar viver: corpo e identidade na transição de gênero de homens trans**. 2015 (Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal). Disponível em: <<https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/20730>>. Acesso em 27 de Nov de 2023.
- RESTREPO, E. & ROJAS, A. **Inflexión decolonial: fuentes, conceptos y cuestionamientos**. Popayán, Colombia: Editorial Universidad del Cauca, 2010. ISBN 958-732-067-

REVISTA DE ESTUDOS TRANSVIADES. **Apresentação**, 2020. Disponível em: <<https://revistaestudostransviades.wordpress.com/blog/>>. Acesso em 27 de Nov de 2023.

RIBEIRO, A. F. **Experiências transmasculinas: o limiar entre corpo, gênero e desejo na constituição de um sentido de si**, 2018. (Tese de doutorado, Universidade Federal da Bahia, Salvador). Disponível em: <https://ppgcs.ufba.br/sites/ppgcs.ufba.br/files/andressa_ribeiro.pdf>. Acesso em 27 de Nov de 2023.

RIBEIRO, D. O. M. **Negociando com as normas: transexualidades masculinas, reconhecimentos e agências**. 2018. (Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora).

SANTOS, A. E. C. dos. **Vivências transmasculinas em espaços educacionais de nível superior do Sul do Brasil e a multiplicidade espacial**. 2020. (Tese de doutorado, Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa). Disponível em: <<http://tede2.uepg.br/jspui/handle/prefix/3168>>. Acesso em 27 de Nov de 2023.

SERRANO, J. L., CAMINHA, I. O. & GOMES, I. S. **Homens trans e atividade física: a construção do corpo masculino**, 2019. *Movimento – Revista de Educação Física da UFRGS*. Disponível em: <<https://doi.org/10.22456/1982-8918.83494>>. Acesso em 27 de Nov de 2023.

SILVA, D. S. **“Existe uma barreira que faz com que as pessoas trans não cheguem lá”: itinerários terapêuticos, necessidades e demandas de saúde de homens trans no município de salvador – BA**, 2017. (Dissertação de mestrado, Universidade Federal da Bahia, Salvador). Recuperado de <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/26488/1/Diss.%20Diogo%20Sousa%20Silva.%202017.pdf>.

SOUSA, D. & IRIART, J. **“Viver dignamente”: necessidades e demandas de saúde de homens trans em Salvador, Bahia, Brasil**, 2018, *Cad. Saúde Pública*, 34(10), 1-11.

SOUZA, M. T.; SILVA, M. D.; CARVALHO, R. **Revisão integrativa: o que é e como fazer**. *Einstein*. 2010; 8(1 Pt 1):102-6. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/eins/a/ZQTBkVJZqcWrTT34cXLjtBx/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em 23 de Nov de 2023.

TCHALIAN, V. Transmasculinidades: invisibilidade, escassez de informações e apagamento histórico. 13º Mundo de Mulheres e Fazendo Gênero 11 – Transformações, conexões e deslocamentos, 2017 (Anais de Congresso). Disponível em: <http://www.en.wwwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1498416889_ARQUIV_O_ArtigoCompletoVicenteTchalianFG2017.pdf>. Acesso em 27 de Nov de 2023.

UCHÔA, L. F. P. **Transmasculinidade e os desafios cotidianos**, 2017. *Revista Educação – UNG-Ser*, 12(1 ESP), pp. 47-59. Disponível em: <<https://revistas.ung.br/educacao/article/view/2884>>. Acesso em 23 de Nov de 2023.

VALE, J. F. M. do. **Transmasculinidade, corpo e cuidado de si: análise da transexualidade no Ambulatório TT [travestis e transexuais] da cidade de João Pessoa – Paraíba**, 2018. (Tese de doutorado, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa). Disponível em: <<https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/16950>>. Acesso em 27 de Nov de 2023.

VERGUEIRO, V. **Pensando a cisgeneridade como crítica decolonial**. In: Messeder, S., Castro, M.G., & Moutinho, L. (orgs.) *Enlaçando sexualidades: uma tessitura interdisciplinar no reino das sexualidades e das relações de gênero* [online], 2016, (pp. 249-270). Salvador: EDUFBA. Disponível em: <<https://doi.org/10.7476/9788523218669.0014>>. Acesso em 27 de Nov de 2023.

VIEIRA, C. & PORTO, R. M. **“Fazer emergir o masculino”: noções de “terapia” e patologização na hormonização de homens trans***, 2019. *cadernos pagu* (55), 1-32. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/18094449201900550016>>. Acesso em 27 de Nov de 2023.

YORK, S. W. **Tia, Você é Homem? Des(a)fiando e ocupando os “cistemas” de Pós-Graduação**. 2020. 185 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro, 2020.

Transmasculinities and academic production An integrative literature review

Abstract: Transmasculinities have increasingly emerged in debates about gender and masculinities, especially in Brazil (Almeida, 2012; Ávila, 2014; Heinzemann, 2020). Along with this, there is an increase in the participation of the transmasculine population in the organized social movement of both trans and LGBTQIAPN+ people. This process produced visibility and, consequently, interest in academic productions within the Brazilian context. In this sense, this article aims to analyze Brazilian scientific productions produced with/about trans men/transmasculine people, between the years 2010 and 2020. To this end, we used an integrative literature review carried out in databases as a research methodology: Scielo, Google Acadêmico, Biblioteca Virtual de Saúde (BVS) e Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD). Based on inclusion and exclusion criteria, we arrived at a total of 37 academic works divided into: 14 articles, 10 dissertations, 6 theses, 5 conference annals, 1 book chapter and 1 course conclusion work. These works were analyzed here from the following perspectives: 1) type of publication, 2) temporality, 3) gender of the writer: cis or trans people, 4) region of publication and 5) which area of knowledge has been most focused on. the theme. What is expected with this material is to outline a brief state of the art on academic productions carried out with/about trans men/transmasculine people and from this location, think about paths for future research.

Keywords: Transmasculinities. Trans men. Integrative literature review. Brazil.

Recebido: 27/11/2023

Aceito: 09/06/2024